

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

João Marcos Fontanette

**Centro de Memória da Etec Dr. Carolino da Motta e Silva
Espírito Santo do Pinhal/SP**

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida e temática.

Entrevistadora / Instituição: Kátia Vargas Abrucese da Etec Dr. Carolino da Motta e Silva, Espírito Santo do Pinhal/SP.

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

João Marcos Fontanette ex-aluno da década de 80, cursou Técnico em Agropecuária. Ele foi escolhido por mim para conceder a entrevista, visto que é um empreendedor de renome.

Elaboração do roteiro de pesquisa: Katia Vargas Abrucese

Local da entrevista: Plataforma Zoom

Data: 28 de abril de 2021

Técnica de gravação: Katia Vargas Abrucese

Duração: 29 minutos e 58 segundos

Número de vídeo: 01 (um)

Transcritora: Katia Vargas Abrucese

Número de páginas: 16

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto de “História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores”, cadastrado na plataforma Brasil, CAAE: 48473721.4.0000.8125, e autorizado pelo Comitê de ética (CEP) da Faculdade Santa Marcelina pelo Parecer n 4.813.867. O entrevistado João Marcos Fontanette, foi ex aluno da Etec Dr. Carolino da Motta e Silva, a antiga CTA Colégio Técnico Agrícola de Espírito Santo do Pinhal e ingressou na escola no ano de 1982 e concluiu em 1884. Nascido e criado em Araras de uma família de imigrantes italianos, começou a trabalhar muito cedo

junto ao seu pai, quando mais tarde veio a se interessar pelas técnicas agropecuárias. Veio junto com seu amigo Mario Bedo prestar o vestibulinho em 1981, se apaixonando pela escola. Não cursou uma faculdade, mas com os conhecimentos adquiridos, trabalhou em usinas até chegar a seus empreendimentos como empresário de irrigação e de energia fotovoltaica.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição 23 e 24 de novembro de 2021

Nome do transcritor: Katia Vargas Abrucese

Katia Vargas Abrucese (KVA): Boa tarde pessoal, estou aqui com o João Marcos Fontanette, um ex-aluno da Etec Dr. Carolino da Motta e Silva, que na época era chamado de Colégio Técnico Agrícola.

KVA: Boa tarde João?! Tudo bem com você?

João Marcos Fontanette (JMF): Boa tarde, só corrigindo; era chamado Colégio Técnico em Agropecuária.

KVA: Verdade, o seu diploma consta isso, né!!

JMF: Consta isso!!

KVA: Legal, mas Marcos eu queria muito que você falasse um pouco da sua vida, da sua experiência, onde você nasceu, nome dos seus pais, contar um pouco de você pra gente.

JMF: Bom, vamos lá, você já falou meu nome João Marcos Fontanette, eu nasci na cidade de Araras, a 26 de junho de 1964, sou neto de italiano, meu avô veio da Itália com 6 anos de idade, né, naquele navio que era uma beleza na época, e ele chegou ao Brasil em 1882, né, veio com os pais e mais 5 irmãos, compraram uma fazenda em Rio Claro, na época, com plantio de café e na região de araras nesta época era muito forte na produção de café também né, e logo em seguida a família foi, crescendo, meu vô teve 18 filhos, um deles é meu pai Sr. Maximiliano Fontanette. Ai meu avô que tinha sociedade na fazenda, comprou depois, uma fazenda. Depois dos 18 filhos chamada fazenda Capuava, ai acha que na

década de 1940 e pouco eles quebraram com a queda do café, venderam tudo e logo depois meu avô morreu, né. Essa foi um pouco da entrada da família Fontanette no Brasil. Eu nasci em Araras mesmo né, no bairro chamado Jd. Cândida, onde é tradicional e conhecida como igreja de Nossa Senhora Aparecida, é e eu trabalhei desde criança, ajudei muito meu pai em lavouras né, meu pai era um grande, trabalhava muito com açougues né, fazia linguiça né, matava porco, matava boi, aprendi isso muito com ele, desde criança, ta e logo fui crescendo com 12 anos já comecei a trabalhar numa loja de office boy, né! E logo, fui registrado numa fábrica de moveis, já tinha a responsabilidade de um almoxarifado, saindo dessa fábrica de moveis entrei num Supermercado América que ali conheci um amigo né, que é o Mario Bedo, que nós juntos decidimos sair do supermercado e estudar no Colégio Agrícola. Então vamos lá, vamos estudar e aí?! Que dinheiro?! Risos, nós, não tem. Ah, mas lá tem alimentação, tem lugar pra dormir, opa então pronto!! Passar fome e, também lugar pra dormir! Opá, então tá bom! É mas nos precisava vir pra casa, precisava rever a família e era aquele sofrimento, pegar carona...

KVA: Essa parte que eu acho incrível, era esse desprendimento, que vocês acabaram tendo, por que vocês vieram pra cá com quantos anos?

JMF: Sim, sim, eu tinha na época 17 anos, um molecote né, muito sonho na cabeça, então falei OK. Vamos lá conhecer, oba beleza. Tem um Vestibulinho, pra fazer um vestibular eu me lembro muito bem o mês devia ser outubro, falei ok, vamos fazer o vestibular e ir conhecer o local. Nossa! A hora que eu cheguei na fazenda me arrepiei todinho, é aqui que eu tenho que vir é aqui meu lugar. Eu me lembro que eu subi, toda aquela terra que hoje tá todo pavimentado né, uma terra, uma pedreira danada, parei naquela primeira Santa, primeira coisa que eu fiz, parei naquela santa fiz minha oração pedi proteção que guiasse o caminho né, que me traçasse o caminho do bem. Subi e fui fazer o vestibular logo passei; fui chamado né, na época não me lembro se todos que fizeram o vestibular todos passaram, não sei dizer isso, eu sei que nós entramos em 120 alunos. Eu acho que, é, foi época que mais teve aluno na escola agrícola, foi nessa época as que devia ter aí uns, uma faixa de 300 alunos internos.

KVA: Nossa senhora, meu Deus! O Marcos! Isso foi que ano?

JMF: Oi

KVA: Que ano?

JMF: Isso foi em 1900..., e fui fazer vestibular em 1981 e entrei 1982.

KVA: Nossa.

JMF: Que eu comecei a estudar.

KVA: Que coisa boa!

JMF: Isso é só um pouquinho só da minha ... Risos

KVA: Da sua trajetória né! Que legal olha! Você tinha 17 anos, né, você prestou o vestibular lá pra entrar. Ah! Deixa, eu te perguntar uma coisa: - Os professores, fala um pouco deles na técnica que eles usavam com vocês no campo, e as aulas teóricas as práticas, o que, que assim te chamou a atenção? O que te colocou mais assim, o coração mais acelerado? O que você gostava?

JMF: Vamos lá, é, a gente tinha na época em média de 10 aulas por dia, sendo que 1 dia da semana eram 10 aulas teóricas. Os outros dias seriam aulas práticas, 5 aulas práticas, meio período e meio período teórica aulas, né! Vamos lá, eu vou me lembrar de algum nome de professor, sabe né, a gente esquece né, faz parte do nosso currículo, que fez parte do nosso ensinamento, o que direcionou a gente pra vida, né, a gente tem que agradecer muito, tá!! O que eu lembro tem o professor Moacir, o prof. Sakamoto, o prof. Jaime, o prof. Celso, o prof. Barreiro, o prof. Laerte, o prof. Manuel, alguns nomes que eu lembro desse, eu lembro mais porque são os professores que davam aula teórica e prática. Então a gente grava muito isso. Os professores que davam aula de Matemática, Português eu não consigo gravar muito, esses nomes, porque a gente convivia mais com os professores dessas aulas que eram específicas com aula prática né, foi o que mais marcou a gente né! ... com aquele monte de meninos né, assim tudo sonhadores né, não era fácil, por que uma turma de 17, 18 anos aquela época não tinha internet, não tinha nada, não se falava em computador, então era tudo no tete a tete, na boca, né, e as coisas a gente ficava sabendo através disso. E o que mais, na verdade, na verdade eu sempre gostei mais da aula prática, sou um cara muito prático não sou uma pessoa de escritório, de ficar muito atrás de computador, meus negócios é estratégia, é partir para o campo pro trabalho né, desenvolver isso, então. O que marca mais pra mim é aula prática. Ai na gente vê os dias de hoje e, como era no passado. Vamos falar de uma aula prática para cuidar do café. O café a gente tinha que cuidar o período todo. Tinha que capinar, colher, tinha que tratar,

desbastar né, fazer com aquele pé, levar no período estudando, cuidando dele. Isso era muito gostoso, eu na verdade me divertia com isso, me divertia.

KVA: Que legal!! Então você gostava mesmo era de fazer a parte pratica e mais a agricultura, a pecuária te chamou atenção ou não? Você gostava mais mesmo era da agricultura?

JMF: Não, não quando eu aprendi com meu pai a mexer com boi, porco, eu era muito Quem matava dois porcos de terça-feira de 90 quilos e um era na quinta-feira, era eu e uma equipe, né.

KVA: Olhe só!!

JMF: É, eu tinha essa prática! Né! Eu tinha, matar boi, então era, eu, gostava muito disso, de animal, né mas precisava matar para alimentar o, a quantidade de aluno que tinha lá, né.

KVA: Sim, claro!!

JMF: Mas eu gostava também de agricultura eu adoro que é pra mim um casamento perfeito, tanto a agricultura quando a agropecuária.

KVA: Certo, conta pra mim um pouquinho sobre o internato, risos.

JMF: Risos não muito detalhado, né. Risos.

KVA: Risos, não. Não precisa ser muito detalhado, mas assim, é, a parte que você foi recepcionado, as condições que tinha, a alimentação.

JMF: A gente tinha no 1º ano a nossa rotina lá dentro; a gente tinha no 1º ano, dormia todos em beliches, num barracão aberto, tinha uns pavilhões que tem lá eram 04 pavilhões, né, e ficava 1º e 2º ano era dividido em 4 e cada pavilhão, daquele: - eu acredito, que devia ter uns 70, 80 alunos, umas, 40 beliches, né! Então a gente tinha um horário, 10 horas tinha chamada dos vigilantes, 10 horas tinha que estar na cama. O vigilante passava, cada cama tinha seu número, né, se não tivesse na cama era anotado a falta e justificada por que não estava lá.

KVA: Legal!

JMF: Acordava, tinha uns que acordava mais tarde. Eu acordava muito cedo sabe. Eu, levantava cedo, fazia alguma coisa, depois tomava meu café com leite pra ir pra aula, né. Ai tinha depois o horário do almoço, tinha um horário vamos dizer uma hora e meia a duas horas de almoço, né, cada um tinha seu talher, chegava lá pegava a bandeja, fazia uma fila enorme.

KVA: Risos, o bandejão

JMF: É, ali começava as brigas, os furas filas aquelas coisas todas.

KVA: Ah! Sempre: - Risos

JMF: Ai tinha a janta, a mesma, tinha hora específico na janta né, ai a hora que terminava a janta a gente tinha o tempo nosso. Uns gostava de ficar mais estudando, eu não: - eu falo a verdade. Eu não era de ficar estudando muito não, tá! Então a gente fazia um jogo ali, a gente ia jogar futebol de salão, ou jogava malha, ali na frente, fazia umas brincadeiras ali né. Escondido a gente ia tirar leite.

KVA: Risos, jura?!

JMF: Escondido, não poderia, mas 17,18 anos, vamos tomar um leite agora, vamos pegar a vaquinha.

KVA: Ainda bem que era leite não é mesmo? Risos

JMF: Tomava também escondido, tomava umas cachaças.

KVA: Vai vendo, risos.

JMF: Não tinha, era tudo molecada, 17,18 anos, mas gente tinha isso, a gente se divertia muito, trabalhava muito, com seriedade né, mas a gente tinha o momento de lazer, como disse naquela época, a gente não tinha computador pra ficar brincando de jogos, não tinha. Tinha que fazer que fazer alguma coisa pra passar o tempo, tinha que gastar energia.

KVA: Claro né!!

JMF: Aí na quinta-feira era dia de sair.

KVA: Era isso que eu ia perguntar, risos.

JMF: Que poderia ir na cidade, né! As vezes arrumar uma namoradinha lá, conhecer alguém legal. As vezes também durante a semana dava uma escapada, colocava alguém pra responde na cama, fazia boneco de pano, colocava na cama.

KVA: Gente do céu, que felicidade né. Risos. É coisa de menino mesmo, risos.

JMF: É, risos, mas era muito sabe, um é é é, não tinha maldade, muita maldade, tinha umas brincadeiras, mas não tinha maldade, isso que era gostoso.

KVA: Marcos deixa eu te perguntar uma coisa: - É, dentro ali né, do que a gente estava comentando sobre as aulas práticas, você lembra alguma coisa, é de algum instrumento que você utilizou que hoje você conhece ele diferente?! Você sabe né, risos a evolução.

JMF: Ferramentas?

KVA: É

JMF: Ferramentas conhecidas, enxada, enxada, foice, podão, uma faca para matar o porco, marreta, cavadeira.

KVA: Vocês aravam a terra?

JMF: Sim, preparava a terra, chegamos até a plantar painço, pra colher algum dinheiro pro nosso, pra nossa Cooperativa, fazer, vender, trazer alguma coisa, né!

KVA: Entendi!

JMF: Capinava o café, colhia o milho, a gente quebrava todo o milho na mão. Colocava na carreta. Quebrava o milho pra fazer a milhagem, né!

KVA: Certo

JMF: Teve uma vez que pegamos suspensão ficamos 3 dias fazendo silagem.

KVA: Nossa, risos.

JMF: 3 dias de silo de castigo.

KVA: Pelo amor de Deus, é bom lembrar não é gente, gosto muito. Legal. Outra coisa, a saída você já contou, né! E os eventos? A escola promovia algum evento trazia a comunidade para dentro da escola ou a escola ia pra cidade, como era isso?

JMF: Tinha algumas coisas, eventos, tipo 7 de setembro, tinha o desfile, tinha o pessoal tocando, tinha a fanfarra, tinha os cavalos, os tratores, descia desfilando. Tinha umas coisas que a gente fazia era, basquete ia jogar como alguém, vôlei, futebol, também é que eu mais gostava. Né!

KVA: HÁ! HÁ!

JMF: A gente fazia muito isso. É teve uma vez que o 1º encontro Inter estadual de escolas agrícolas, todas as escolas do estado de São Paulo, disputando o campeonato em Presidente Prudente.

KVA: Nossa vida!!

JMF: Veja bem, a dificuldade da época, nos saímos de ônibus, né, não o ônibus que é né de Pinhal até São Paulo, na estação de Luz, pegamos um trem, pra Presidente Prudente que eu acho na época, 19 horas de trem.

KVA: Meu Deus do céu !! Tudo isso? Risos

JMF: Gastou mais ou menos isso, e lá vamos nós levamos no trem saco de ovo cozido, os lanches, tinha pão de pernil heim, bom também.

KVA: Oôh beleza!

JMF: É!

KVA: Você lembra quem acompanhou vocês? Foi algum professor de educação física?

JMF: Foi eu lembro, vou lembrar, foi o professor Mané, professor Moacir, professor Barreiro, professor Klinger.

KVA: Nossa o professor Klinger foi professor de Educação Física?

JMF: O professor Jaime, a diretora na época era Dona Rosa. O Sr. Afonso, eles acompanhavam a gente.

KVA: Que legal gente!! Então Marcos, é tão bom ficar lembrando essas coisas, né?

JMF: Muito bom!!

KVA: Uma outra pergunta: - E a sua trajetória profissional, você saiu da agrícola e você fez faculdade? Qual faculdade?

JMF: Não, eu não tinha condições, eu queria, mas eu tinha que trabalhar e ajudar minha família. Pra você ter uma ideia quando eu saí do colégio agrícola precisava ter uma carteira de habilitação pra conseguir arrumar um trabalho.

KVA: Certo!

JMF: Ai fui trabalhar, numa fábrica de cadeira de moveis né, consegui o dinheiro pra mim poder fazer, tirar minha carteira de habilitação.

KVA: Olha isso!!

JMF: É com a carteira de habilitação eu consegui um emprego numa destilaria de álcool no Mato Grosso do Sul, já perto do pantanal, perto do Paraguai.

KVA: Certo, mas ai você foi como Técnico Agrícola?

JMF: Já como Técnico Agrícola, é na época do dono da destilaria era o Banco Boston, uma que tinha o escritório na Av. Paulista; E eu levei meus dois amigos, eu arrumei emprego para dois amigos né, quando fui chamado, e esses dois amigos foi comigo e a hora que viu o lugar lá, não quis ficar lá não.

KVA: Gente!! Sério?

JMF: Não, eu trabalhava com índio, tinha trezentos índios que trabalhava lá o lugar era feito viu, era um fim do mundo, difícil de ir pra lá, né. Perigoso.

KVA: Sim.

JMF: Mas eu fiquei, fui pra lá, aceitei o desafio, montei um belo de projeto lá, né, deixei montadinho, fiz um bom trabalho. Entrei como técnico agrícola, eu era agropecuária, era usina agrícola né! Com o trabalho que eu fiz uma última usina me chamou mais pra frente, no Mato Grosso, uma usina que ia ser montada e ia começar do zero. Era lugar de pasto e depois plantar cana, então montei viveiro de cana.

KVA: Desafio sem igual, nossa que coisa boa. Mas você viu experiência que você adquiriu com tudo isso Marcos?

JMF: Sim, a experiência o fato de você ficar fora de casa, com responsabilidade, né! Um moleque, com uma mochila nas costas e excesso de pessoas adultas, pessoas com nível cultural muito baixo, né, naquela época, hoje o Mato Grosso é desenvolvido naquela época não era, né!

KVA: Sim, é verdade.

JMF: Aprendi muito com isso, trabalhar com o ser humano, trabalhar com gente, né!

KVA: Certo! E o hoje, Marcos, qual.

JMF: Deixa.

KVA: A tá! Desculpa!

JMF: Depois aí como fiz um trabalho como irrigação, empresas de irrigação me conheceram, né inclusive tinha uma na cidade de araras, né. É chamava Asper solo e conheceu o meu currículo e me chamou e eu voltei para Araras, através dessa empresa na minha cidade, e eu deixei meu pai e minha mãe feliz, né!

KVA: Nossa, bastante! Risos.

JMF: Voltar pra casa e aí comecei aprender o equipamento de irrigação dentro da empresa, eu fazia o trabalho de campo. E comecei a trabalhar com assistência técnica dessa empresa, ia pra Bahia, Maranhão, naquela época de carro, né. Você vê os carros que era na época era uma beleza. Né! Hoje eu falo para os vendedores né, hoje você viaja com um carro com ar-condicionado, com laptop, celular, chega no hotel, com tudo certinho, ar-condicionado, né. Naquela época não tinha carro bom, não tinha estrada, não tinha computador, não tinha celular, os quartos as vezes tinha ventilador, quando achava. Era difícil as coisas, mas tudo faz parte pra gente aprender mais, né. Ai da Asper solo eu fui pra uma outra empresa que ela fechou, chamava empresa Indu metal né, e ela era válvulas, e ela me chamou para mexer nesse departamento. Fiquei 3 anos desenvolvendo, né, e uma outra empresa de São Paulo já era mais tradicional, ai já comecei na Indumetal eu já comecei a trabalhar a partir do lado de vendas, comecei a trabalhar na parte comercial. Então pra esse Irrigabras eu abri o mercado de usina de açúcar e álcool no Brasil todo pra eles, né! Fiz, fiquei 6 anos nesta empresa. Ai uma outra empresa me chamou ai já foi em 97, chamava Irrigabras, em Leme, que era associada a uma empresa Israelense, já num segmento de irrigação que era gotejamento, aspersão, pivô central, e eu desenvolvi esse trabalho por 7 anos né! E a empresa que estou hoje trabalhando, como gerente comercial nacional, que é a ESA, em 2005, me chamaram que era os espanhóis que tinha empresa na Espanha e na Argentina ela queria montar a empresa no Brasil, ai começamos o trabalho com eles e estou até hoje com a empresa formada e estruturada, né.

KVA: Que coisa boa!!

JMF: É nesse mercado consegui fazer uma outra coisa, consegui abrir uma empresa pra mim mesmo, né! De irrigação, no Maranhão, no Piauí, no Pará, né! No mercado de pivô central, né! Abri também uma empresa de fotovoltaica, tenho até hoje.

KVA: Que beleza!

JMF: Nos tempos vagos a gente trabalha mais. Risos.

KVA: Risos.

JMF: Então um pouco da trajetória minha profissional é essa.

KVA: Nossa, que coisa boa Marcos. É muito bom a gente, como eu professora é assim que vejo os alunos saindo da escola, e ganhando o mundo, sabe, levando muita coisa que a gente acabou ensinando pra eles, pra vocês né, no caso, nossa!! É muito gratificante. E perceber né, toda a evolução que você tem. Que agora você vem pra nossa escola e acaba ajudando a nossa escola; como aluno, ex-aluno, parceiro isso é grandioso pra gente. Nós que permanecemos aqui, porque eu entrei na escola em 88, né, é claro que eu não conheci vocês, esta mas hoje vou fazer uma outra entrevista com outro aluno que também foi uma exemplo, os pais também eram agricultores, italianos, tem bem o perfil que você contou, dos seus pais, muito legal; dos seus avós.

JMF: O colégio agrícola ensinou a gente a botar a cara no mundo, a viver sabe, a enfrentar as coisas, enfrentar os obstáculos né, os desafios da vida, né! E foi isso que eu aprendi, aprendi a trabalhar com gente, trabalhar com o ser humano, né. Isso que ensina. E eu não era um aluno, vamos dizer o melhor da classe, eu era dos médios ali.

KVA: Não, mas ninguém precisa ser o melhor, mas tem que ser...

JMF: E trabalhar e praticar eu era..., eu tinha uma turma ali, a gente era pau pra toda obra.

KVA: Que legal, né, isso é muito bom Marcos. Olha, agora eu quero te pedir uma coisa: - deixa uma mensagem pra gente, pela escola, pelos seus amigos, por você.

JMF: Tá!

KVA: E pro mundo né, porque isso aqui vai para um banco de dados essa entrevista a gente vai estar disponibilizando, depois, claro que com sua autorização, pra outras pessoas terem a sua fala, as suas dicas e sua história. Isso é muito legal.

JMF: Vamos lá! Falar da vida, de ser humano, acho que a humildade, a simplicidade, a dignidade, o caráter, a índole da gente, é o que prevalece em tudo, independente do que

you esteja fazendo, não interessa a profissão, não interessa nada, respeita o ser humano. Faça as coisas com amor pra viver tá. É a pessoa fala, pensa muito no dinheiro, o dinheiro é bom precisa, precisa ser ganho, mas faça alguma coisa que deixa alguma coisa pra alguém, dê segmento do que você começou, né, então é que eu falo; simplicidade, humildade pra mim é tudo, tá! É isso aí!

KVA: Obrigada Marcos, olha obrigada mesmo e por favor venha nos visitar, viu!!

JMF: Ó, com certeza, sempre to ai sempre a gente faz encontro ai todo ano com a turma nossa né.

KVA: Essa pandemia deu uma atrapalhada boa, né, mas vamos ver.

JMF: Toda vez que eu to ai, eu faço, eu consigo viver o momento, que eu vivi, Eu boto na cabeça o sonho daquele moleque de 18 anos de idade, desço e subo, rezo pra minha Santa que esta ai e agradeço, agradeço a Deus por ela que ela me trilhou um caminho bom.

KVA: Que maravilha. Marcos Deus te abençoe muito obrigada, viu. Pela sua disponibilidade, pelo seu carinho tá. E pela contribuição sua ai com meu projeto de memória.

JMF: OK, então, abraço! Fica com Deus Katia.

KVA: Obrigada!

Descritores

História oral na educação

Empreendedorismo

Etec Dr. Carolino de Motta e Silva

João Marcos Fontanette

Katia Vargas Abrucese

Centro de Memória

Técnico em Agropecuária

Colégio Técnico em Agropecuária

Internato

1º Encontro Inter Estadual de Escolas Agrícolas

Práticas Esportivas

Fanfarra

Desfile

Silagem

Usina

Irrigação

Fotovoltaica

Dados Biográficos do entrevistado



João Marcos Fontanette. Nasceu em 26 de junho de 1964, na cidade de Araras/SP. O primeiro emprego foi de Almojarife aos 12 anos. Fez o curso Técnico Agrícola entre 1992 e 1984 na Etec Dr. Carolino de Motta e Silva. Como Técnico Agrícola, o primeiro emprego foi numa Usina de álcool em Mato Grosso do Sul, do Banco de Boston Destilaria, em 1986. Trabalhou nas empresas: Asper solo, Indubras, Irrigabras, ESA – Espanhola. E depois, montou a própria empresa de Irrigação e de energia fotovoltaica, até os dias de hoje.2021

Dados Biográficos da entrevistadora



Katia Vargas Abrucese - Graduada em Artes Plásticas pela Puccamp (1984), em Pedagogia (1990), Pós-Graduação em Psicopedagogia (1994). Lecionou na rede estadual de ensino durante 28 anos, onde durante 15 anos atuou como diretora e vice diretora de escola. Ingressou em 2008 na Etec Dr. Carolino da Motta e Silva onde ministra aulas de Arte e Filosofia no Ensino Médio Integrado e Ética e Cidadania Organizacional no Curso Técnico modular e atualmente é membro do Grupo de Estudo de Pesquisas em Memórias e Histórias da Educação Profissional (GEPEMHEP). Curadora do Centro de Memória da Etec Dr. Carolino da Motta e Silva desde 2019.

Anexo (esse documento é sigiloso e não ficará aberto online ao público):

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de João Marcos Fontenette